

Senadores estão ocupando os espaços políticos que pertenciam à Câmara

BRASÍLIA — Ao derrotar, de forma inesperada, o Deputado Luiz Henrique na disputa pela Liderança do PMDB na Constituinte, o Senador Mário Covas consolidou uma situação que vinha tomando forma desde a instalação da Assembléia: nos principais partidos, os Senadores estão assumindo posturas fortes, ocupando espaços políticos antes assumidos pela Câmara, que tem agora como única liderança expressiva o seu Presidente Ulysses Guimarães.

Covas, na avaliação corrente no Congresso, não abalou somente a liderança de Luiz Henrique, ou a de Ulysses, que apoiava o candidato derrotado: afetou também a do comandante do PFL na Câmara, José Lourenço, que, beneficiado por um PMDB dividido, vinha despontando como negociador forte. Também foi atingido outro Deputado, o Líder do Governo, Carlos Sant'Anna, que, indicado pelo Palácio do Planalto e, portanto, sem votação da bancada do PMDB, foi excluído das recentes negociações conduzidas por Covas na Constituinte.

Alguns deputados preferem ignorar o fenômeno, mas o fato é que, além de Mário Covas, mais dois Senadores estão exercendo

sólido comando em seus partidos: o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, e o Presidente e Líder do PDS, Jarbas Passarinho. Embora cauteloso, como os demais Senadores, evitando levantar um confronto com a Câmara, Passarinho acrescenta um dado a esse quadro: no período mais duro do regime militar, o Senado, e não a Câmara, foi palco dos mais memoráveis debates entre Situação e Oposição.

— Quando se tratou da resistência mais aguda ao chamado regime autoritário eu, pelo Governo, e Paulo Brossard e Saturnino Braga pela Oposição, mantivemos vários debates, aqui no Senado. A Câmara havia perdido as forças — lembra ele, ressaltando, entretanto, que “é um equívoco dizer-se que a Câmara tem menos expressão do que o Senado”.

Para o Senador Severo Gomes (SP), Presidente da Fundação Pedroso Horta, órgão de estudos políticos e econômicos do PMDB, há um fator a mais a contribuir para a projeção do Senado: o fim dos mandatos dos “biónicos”, senadores nomeados pelo Presidente Ernesto Geisel em 1978, que compuseram um terço da Casa.

“O Senado está mais autêntico”, assinala Severo, observando

Foto de Sérgio Marques



Senador Mário Covas

também que o próprio processo de eleição de um senador, especialmente nos Estados com eleitorado mais numeroso, “é difícil, exige credibilidade e representatividade”.

Na Câmara, o Vice-Líder do PFL, Deputado Alceni Guerra (PR), concorda.

— A maneira como são eleitos confere aos senadores uma representatividade maior — diz ele,

lembrando o exemplo do Presidente do PDS, que conseguiu eleger-se no Pará em coligação com o PMDB — ao qual fez oposição historicamente — e praticamente sem fazer campanha, pois o período pré-eleitoral coincidiu com uma fase especialmente delicada do tratamento de saúde a que se submete sua mulher.

O Deputado Fernando Lyra (PMDB — PE), porém, não atribui aos senadores desta Constituinte a ocupação de um espaço político maior do que os dos membros da Câmara. A própria vitória de Mário Covas, segundo ele, “deu à Constituinte um sentido unicameral, pois as pessoas só perceberam que ele era senador depois de eleito Líder”. Essa vitória foi, antes de tudo, na opinião de Lyra, “um ato político e partidário, que não tem nada a ver com Câmara e Senado”.

Para o Líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli, sua Casa anda mais atuante. Observa ele que o plenário do Senado está funcionando com maior frequência do que o da Câmara, o que pode ser visto como um contra-ataque aos deputados que defenderam, no início da discussão do Regimento da Constituinte, a tese do unicameralismo.